

Megaeventos, legado e educação olímpica

Rodrigo Koch*

Introdução – analisando megaeventos e legado

Indicado a sediar os Jogos Olímpicos, o Brasil teve a cidade do Rio de Janeiro escolhida como sede da Olimpíada de 2016 (1), e desde então um dos pontos positivos destacados pelas autoridades é o legado que será gerado para a população a partir desse megaevento. Mas afinal, o que é legado? Antes de responder essa questão precisamos entender também o que é um megaevento esportivo e qual a experiência do Brasil nessa área. Um megaevento esportivo é toda grande competição que envolve ações e projetos, que exige a construção de novos aparelhos e que, principalmente, tem o poder de transformar uma cidade ou uma nação. Também precisamos destacar que em um megaevento sempre haverá cidadãos ‘vencedores e perdedores’, ou seja, inevitavelmente algumas pessoas terão prejuízo e não serão beneficiadas com a realização do megaevento. O grande desafio dos organizadores passa a ser o de aumentar o número dos vencedores. Portanto, podemos considerar como megaeventos atuais os grandes Jogos Continentais (Pan-Americanos, Asiáticos, Europeus etc), as Copas do Mundo de Futebol (masculina e feminina) e os Jogos Olímpicos.

A experiência mais recente do Brasil foi a dos Jogos Pan-Americanos do Rio-2007, que ainda estão produzindo sensações e benefícios para a população. Aliás, a escolha do Rio de Janeiro como sede olímpica é um desses efeitos. Anteriormente, o país sediou a Copa do Mundo de Futebol

Um megaevento esportivo é toda grande competição que envolve ações e projetos, que exige a construção de novos aparelhos e que, principalmente, tem o poder de transformar uma cidade ou uma nação.

de 1950, que gerou conhecimento específico na época e proporcionou a construção do maior estádio do mundo, o Maracanã. E, no ano de 1963, São Paulo recebeu os Jogos Pan-Americanos. No mesmo ano Porto Alegre foi sede da Universíade (2). No entanto, essas duas últimas competições trouxeram pouco desenvolvimento esportivo para o Brasil. Foram organizadas e conduzidas com amorismo, apresentando instalações precárias em alguns eventos apesar dos esforços dos comitês. Será que algum legado restou desses megaeventos? Com certeza sim.

Legado, de acordo com a definição do dicionário, é algo que se recebe do passado, e que se deixa para a posteridade; uma doação, ou melhor, uma herança social; aquilo que uma geração transmite a outra. O canadense Robert Barney define legado esportivo como “... algo recebido do passado que possui valor presente e, certamente, valor futuro ...”. No legado de um megaevento, precisamos

analisar o “efeito olímpico”, ou seja, aspectos como tempo, espaço e impacto. Um megaevento pode produzir uma série de legados:

- a) Da candidatura: aprendizado, plano urbanístico;
- b) Do evento em si: estádios, rodovias, aeroportos, equipamentos;
- c) Da imagem: projeção da nação, oportunidades econômicas, nacionalismo;
- d) Da governança: planejamento participativo, liderança do poder público;
- e) De conhecimento: educação, voluntariado, gestão, cooperação, know-how.

Passados mais de dois anos da realização dos Jogos Pan-Americanos do Rio-2007, concluímos que foram deixados como legados positivos a infraestrutura deixada para a cidade, a cobertura da mídia, o apoio da população, a campanha direcionada ao estímulo do esporte e o envolvimento governamental.

Site: Rio 2016



Projeto arquitetônico para as instalações dos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro

Desafios – administrando o legado atual e futuro

Encerrado o Pan-Americano demonstramos dificuldade e falta de habilidade para lidar com os legados produzidos por esse megaevento de forma imediata, apesar de hoje já termos solucionado em parte essas questões, principalmente na área administrativa das instalações esportivas. A Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 produzirão bens e legados tangíveis e intangíveis. Não há dúvidas de que os dirigentes dos comitês organizadores terão mais agilidade para dar fins às novas estruturas que serão erguidas em função desses futuros megaeventos. No entanto, o legado social e cultural é de responsabilidade de todos os cidadãos, essencialmente daqueles que trabalham com a educação.

Para o medalhado olímpico Nelson Prudêncio (3), o Brasil está no caminho certo. “Já estamos com as ‘ferramentas na mão’. O Pan proporcionou a muitos jovens o despertar para o esporte. Os Jogos Olímpicos também produzirão isso em escala muito maior em toda a população. Torna-se necessário a criação de uma política desportiva no país, seguindo o modelo da ginástica, que fez um trabalho de longo prazo e hoje colhe os frutos”, destaca Prudêncio.

O superintendente de esportes do Comitê Olímpico Brasileiro, Marcus Vinícius Freire, considera o conjunto Copa do Mundo-Jogos Olímpicos o grande ‘divisor de águas’ do esporte no Brasil. De acordo com o dirigente, “no Pan tivemos muitas modalidades divulgadas e que passaram a ser conhecidas pelos brasileiros. Teremos a melhor sequência de eventos esportivos no país: Pan, Jogos Mundiais Militares (4), Copa das Confederações, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos. Nossa preocupação é dar continuidade depois de 2016. Temos um planejamento de curto prazo visando os Jogos de Londres-2012, de médio para fazermos uma boa apresentação em casa, e de longo prazo, aproveitando este momento, para que o esporte passe a ser matéria do dia a dia em escolas, clubes e na mídia”. Freire destaca também que Barcelona, Sydney e Atenas são cidades que se transformaram com as Olimpíadas, e que isso acontecerá com o Rio de Janeiro.

Agberto Guimarães – gerente de esportes do Pan e dos Jogos Rio-2016 – reconhece os problemas registrados em 2007, principalmente nas modalidades de beisebol e softball, que estarão fora do programa olímpico nas próximas edições. No entanto, se por um lado esses esportes sofreram com a falta de uma estrutura mais adequada e com os

efeitos climáticos, por outro houve eventos do Pan que atingiram o nível de excelência com instalações que superavam as dos Jogos Olímpicos de Atenas. O secretário geral do Comitê Rio 2016, Carlos Roberto Osório, destaca que os Jogos Pan-Americanos foram viabilizadores para a conquista da sede olímpica de 2016: “Demonstramos na prática a possibilidade de realização de um megaevento no Brasil”. Agberto Guimarães completa: “Aprendemos com os erros do Pan, e para o planejamento de 2016 estamos trazendo as federações internacionais para o Rio de Janeiro para opinarem, evitando ajustes de última hora”. O gerente de esportes também lembra que “o velódromo e o Parque Aquático Maria Lenk estão sob administração do COB e estão sendo utilizados para programas esportivos de detecção de talentos. É um trabalho fundamental, baseado em dados científicos, que poderá depois ser reprisado em qualquer lugar do país”. Nos Jogos Olímpicos de 2016 as novidades serão o golfe e o rugby, que retornam após ficarem de fora do evento por muitos anos.

“Os Jogos Olímpicos tem um extraordinário potencial de legado. É inegável a transformação que houve em cidades por onde os jogos passaram. Nosso compromisso é



Ricardo Stuckert/PR – Agência Brasil

“Os Jogos Olímpicos tem um extraordinário potencial de legado. É inegável a transformação que houve em cidades por onde os jogos passaram. Nosso compromisso é potencializar esse legado, fazendo do Brasil uma referência olímpica. Consideramos que estamos no início da ‘década de ouro’ para nosso país, com uma oportunidade única de projeção internacional”

O ministro do Esporte, Orlando Silva, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, defendem, em Genebra, a candidatura do Rio a sede das Olimpíadas de 2016



potencializar esse legado, fazendo do Brasil uma referência olímpica. Consideramos que estamos no início da 'década de ouro' para nosso país, com uma oportunidade única de projeção internacional. Somos uma nação jovem e em ascensão. Vamos acelerar nosso desenvolvimento econômico e social, formando melhores cidadãos para transformar o Brasil", vibra Carlos Roberto Osório.

Considerações finais - Educação Olímpica

Livros de esporte começarão a ser utilizados com maior frequência nas escolas a partir de 2010. Através do Ministério da Educação, o COB já conquistou o incentivo necessário para que as instituições de ensino tenham acesso a esse material com a aquisição de bibliografia específica. O problema, agora, é como administrar e aproveitar da melhor forma as novas ferramentas de conhecimento. Estamos diante da necessidade imediata da introdução da Educação Olímpica como disciplina no nível fundamental – para despertar o interesse pelo esporte –, no ensino médio – para fortalecer os princípios de solidariedade e voluntariado –, e entre os acadêmicos – para formar administradores e

promotores do legado. "Não podemos ter a preocupação apenas com o alto rendimento. Os ideais e conceitos olímpicos são muito importantes e devem estar presentes nas escolas", de acordo com Marcus Vinícius Freire.

O *olimpismo* – filosofia de vida que utiliza o esporte como instrumento para a promoção de paz, união, respeito por regras, adversários, diferenças culturais, étnicas e religiosas – será a base dessa nova disciplina. Já há professores que, de forma isolada, promovem o conhecimento tendo como objetivo a construção de um mundo melhor, sem qualquer tipo de discriminação, encarando o esporte como um direito de todos. Porém, essa prática deverá ser universalizada nos próximos anos, aproveitando o efeito dos Jogos

Olímpicos. O COB já disponibiliza em seu site material sobre olimpismo e, através da Academia Olímpica Brasileira, divulga alguns trabalhos. Mas há muito ainda a ser feito nas próximas décadas. Os maiores legados que poderão ficar para a população brasileira são os ideais de participação em massa, integração cultural e busca pela excelência através do esporte. Tudo isso aliado aos princípios de amizade, compreensão mútua, igualdade, solidariedade e *fair play* (5). Valores que poderão ser úteis para além do esporte. Para a vida. 🏅

* **RODRIGO KOCH** é jornalista esportivo, graduado em Educação Física e pós-graduado em Administração e Marketing Esportivo. Atualmente é professor nos colégios Santa Luzia e Rosário, e coordenador de esportes da Rádio Guaíba, pela qual esteve nos Jogos Olímpicos de Sydney-2000 e Atenas-2004, bem como nos Jogos Pan-Americanos do Rio-2007. Autor dos livros "Universiade 1963 – História e resultados dos Jogos Mundiais Universitários de Porto Alegre", "Tie-Break – A saga dourada do vôlei masculino do Brasil", e "A vitória vem dos céus – A trajetória do brasileiro campeão mundial de judô".

NOTAS

(1) Conjunto de quatro anos que antecede os Jogos Olímpicos. Ou seja: a Olimpíada de 2016 começa no dia seguinte ao encerramento dos Jogos Olímpicos de Londres 2012.

(2) Jogos Mundiais Universitários. Espécie de Jogos Olímpicos realizados apenas com a presença de atletas que estejam cursando o nível superior, com limite de idade fixado em 28 anos. Atualmente a Universiade tem recebido maior destaque e importância entre os países asiáticos.

(3) Nelson Prudêncio conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos da Cidade do México-1968 e o bronze nos Jogos Olímpicos de Munique-1972. Atualmente é doutor em Ciências do Desporto, e professor da Universidade Federal de São Carlos.

(4) Competição entre esportistas militares realizada de quatro em quatro anos nos moldes dos Jogos Olímpicos.

(5) Jogo limpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DaCOSTA, Lamartine (org.) et al. *Legados de megaeventos esportivos – Legacies of sports mega-events*. Brasília, Ministério do Esporte – CONFEF, 2008.

PAYNE, Michael. *Seminário de conhecimento sobre o processo de aspiração à candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos 2016*. Palestra em Brasília, dezembro de 2007.

RUBIO, Katia. "Os Jogos Olímpicos e a transformação das cidades: os custos de um megaevento". *Scripta Nova. Revista eletrônica de Geografia e Ciências Sociais*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1º de agosto de 2005, vol. IX, número 194.

Sítios consultados: www.cob.org.br www.rio2016.org.br